

MAG
MAH
TIS
MOS



M A G
M A H
T I S
M O S
M A G M A H

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

ILUSTRAÇÃO DA AUTORA: Ludmila Vilarinhos

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M195m MAGMAH. 1996–

Magmahtismos – Penalux: Guaratinguetá, 2017.

82 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-000-0

1. Poemas 2. Sonetos I. Título

CDD B869.91

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

SUMÁRIO

DOS MAGMAHTISMOS	17
RITUAL DE PURIFICAÇÃO	19
FACHO DE LUZ	20
AMÉM	21
MEDEIA	22
ARREPIOS DE UM DEUS ÀS AVESSAS	23
NEM LUXO, NEM LIXO	24
PERACTORUM	25
LA PORTE DE L'ENFER	26
DARWINISMO	27
EFEMERIDADE	28
ESCONJURO	29
ESPELHO DE VÊNUS	30
BRAS AU REPOS	31
O OUTRO LADO DA TUA MOEDA	32
OBLIVION	33
OLHOS DE CHUVA	34
DÉJÀ VU	35
PERSONA	36
OFENSA AOS DEUSES, PROBLEMA DOS DEUSES	37
DEMI-VÉRITÉS	38
WICKED WITCH	39
TILEPÁTHEIA	40
VODUN	41

NÃO MAIS DECIFRADO, JAMAIS DEVORADO	42
OPS!	43
PASSARIM	44
FERME DE LA PORTE	45
SORO CASEIRO	46
VICISSITUDES METAFÓRICAS	47
BEATRIZ	48
MOI AUSSI, PARIS	49
LÓTUS	50
CREPÚSCULO DOS DEUSES	51
ELUCUBRAÇÕES	52
NEM ANJO, NEM DEMÔNIO	53
BLACK OR WHITE	54
ALMA GAÚCHA	55
SEM TÍTULO E SEM ESPERANÇA	56
IDIOSSINCRÁTICO	57
VIGÍLIA	58
MINHA DANÇA	59
MAGO	60
SUTILEZA	61
UM DIA UM SONHO	62
SAGRADO TORPOR	63
CITIUS, ALTIUS, FORTIUS	64
STRATUS DE BIA	65
O CANTO D'ELE	66
MAGMAHTIZADA	67

Sou grata à minha família que me ama incondicionalmente, do jeito que sou, que se habituou e convive tranquilamente com as minha idiossincrasias e surtos fantasiosos. Com as idas e vindas por meus universos e dimensões paralelas.

Que me incentivou a transformar em matéria as energias líricas que eram paridas e soltas à própria sorte, pela rede afora.

Em especial a esses dois amores que possuem ‘cadeiras cativas’ nessa minha existência transitória e que fazem parte de minha essência humana.

Ofereço a eles:

HENRIQUE REIS SCHUSTER

e

CLÁUDIO DANIEL FANTIN SCHUSTER



APRESENTAÇÃO I

Os poemas de “Magmahtismos” me chegaram aos olhos antes mesmo dos retoques plásticos editoriais. Desnudos, puros, autênticos. E já eram versos feitos de apuro e beleza singulares. A autora se despe do rigor poético sem se permitir vulgarizar a linguagem, proporcionando a arte de conseguir escrever, como ela mesma define, tanto o lírico que encanta quanto o consciencioso e cruel.

“A poesia é a união de duas palavras que ninguém poderia supor que se juntariam, e que formam algo como um mistério”, dizia o incomparável Federico Garcia Lorca, poeta que me despertou. Embora nem sempre juntando improváveis, faz das nossas probabilidades um belo e canoro escrever.

“Faz-me sangrar o timbre dessa voz”, canta a autora, num de seus poemas. Quem já amou nesta vida sabe tudo o que nos sangra. E, assim, a leitura deste livro será entre suspiros e saudades, paixões e desejos, algum protesto, qualquer inquietude em brasa, talvez um olhar de soslaio. É poesia, enfim. A múltipla e sempre bela poesia que nos permite viver.

OSCAR BESSI

Prêmio Augusto Meyer de Poesia 1998.



APRESENTAÇÃO II

Amalgama: Primeiro sentido que me trespassou os olhos no texto de Magmah. Uma mistura muito bem dosada de sensações poéticas passeando em sonetos de mãos dadas com deuses e Dantes, bailarinas e borboletas serpenteando por noites rosas com seus olhos de chuva. Lirismo à flor da pele, verso a verso e no avesso tão bem.

De repente e sem viola, do nada, tudo nos convida a um baile, dança de palavras ao som de Brahms, alfaias furtivas, luxo e luxúria. Depois da festa o cansaço desce em suores pelo regaço rumo ao riso, ao amar. Baudelaire e Beatrice levam suas oferendas à Janaína, Van Gogh sangra girassóis, enquanto impávida, incansável a poesia segue cortando o vento, e a vida vibra como se fosse um presente que a morte nos oferta e depois toma. O amor, ah, o amor, cais deserto onde navios não mais aportam, ou pouco se importam em ancorar.

Alquimia, blues e vinho, navalha e orvalho, sangue e mel.

MÚCIO GÓES,
poeta pernambucano de passagem pela noite.

29/II/2016



APRESENTAÇÃO III

Uma bela e jovem poeta que enveredou na bela e milenar arte dos sonetos. Talvez essa relação jovem/milenar explique o frescor que emana dos versos de Magmah, uma escritora a qual eu não me canso de rotular de “minha sonetista favorita”.

Ao lermos seus versos, encontramos a experiência dos que burilam as letras qual cuidadoso ourives lado a lado com a leveza das relações entre as palavras, tão difícil para os que não dominam a arte da metrificação. Sim, pois a métrica, assim como o esquema rímico e a chave de ouro, antes de tudo, não podem ser prisão, mas instrumentos de carinho, de labuta prazerosa em prol da criação do Belo.

Conheci essa grande artista no movimento literário Bar do Escritor, nossa comunidade que começou virtual, e tive o prazer de participar com ela do antológico Sonetário Barnasiano, em 2011.

Agora, tenho o honra de dedicar estas poucas linhas de admiração por mais uma obra que, tenho certeza, veio para homenagear a arte da poesia trabalhada com respeito e, sobretudo, com aquilo que todo bom poeta tem de sobra: amor e dedicação. Amor e dedicação pelo que faz, pelo que vive, pelo que cria. Amor e dedicação que nos encanta.

Parabéns, minha querida amiga. Que sua carreira continue brilhante e que seus versos encontrem a eternidade que lhes é de direito.

Abraços.

WILSON R. POETA

MAGMATHISMOS



DOS MAGMAHTISMOS

Sou da noite e da poesia,
dos cheiros, das emoções,
sabores, do aconchego,
inebriamentos e êxtases,
sonhos em vigília,
canções pungentes.

Dos arrepios, da espiritualidade,
a sábia ironia na hora certa,
os ventos que prenunciam tempestades,
o perfume da terra quente que precede a chuva.

Da doce melancolia que traz uma saudade distante
o blues e o rock melódico
o vinho, o chocolate e o café
o fog 'londrino?..

Dos títulos em latim pros poemas que faço
daquelas palavras que se eternizaram,
do embalo da rede que me deixa tonta,
a transparência de sentimentos,
os universos paralelos.

as semimortes, os incensos, as velas.
Do respeito aos ciclos
das pilhas de livros pelos cantos da casa,
os fins de domingo e começos de segundas-feiras,
os choros repentinos e as gargalhadas intermináveis.

Dos magmahtismos que só eu conheço a fundo.

Sou das reticências...

RITUAL DE PURIFICAÇÃO

O fruto falho flui do frio afeto,
Famigerado e insólito embrião.
Ferido, fulminado, o desafeto,
Fruindo em flor, fecundo coração.

Porção fatídica ofertada ao feto,
Queimada a ferro e fogo, em erosão.
Bicho que gane, palavreando quieto,
Na alma de animal que cinge ao chão.

Diáfanas perfídias derradeiras
Nos falsos fariseus forçando as beiras
De fibras malfadadas por feição.

Funestas formas fúteis na lareira,
Fantasma dum final feliz, fração
De feixes de fumaça e aflição.

FACHO DE LUZ

Um sorriso infantil de repente,
Não é sempre que a face o ostenta,
Vem, penetra-me a alma e a esquenta,
Como um facho de luz diferente.

Pois num canto da sala jazia
O tal livro que eu sempre lembrava.
Dentro dele tua linda poesia,
Bem guardada e escondida ela estava.

É-me algo de grande valor,
Traz-me à mente em suave langor,
Do meu meigo poeta a lembrança.

Em folgado e festivo rubor,
Num momento que lembra a infância,
Faz sentir-me de novo criança.

AMÉM

Nesses olhos, um mar que se esconde,
Fúria vaga, não mais vaga em fúria.
Faço a eles perguntas... Responde!
Por ti só, sem pretexto ou lamúria.

Face gótica em tez de granito,
Que perdeu seu encanto e pureza.
Não tem mais do semblante o bonito,
Pois permite ver toda rudeza.

Dependência... Qual vício de alguém
Que é mais forte e que doma o ardor,
À espera de um último Amém.

Cá no fundo do peito uma dor
Vem, perpetra e o faz com desdém.
Minha entranha dissolve esse amor.

MEDEIA

Existe um país encantado
Tão grande no meu universo!
O tempo desliza acanhado
E o espaço é um tanto disperso.

Sagrado o terreno em que piso,
Que é mágico, dando vazão
Ao verso em minh'alma, o sorriso
Que foge e deságua emoção.

Por isso é que às vezes me afasto,
Mantenho comigo esse halo,
Movendo-me sem deixar rastro.

Me escondo, me cego e me calo.
Estátua de sal, de alabastro,
Nos bolsos, as pedras de Talo

ARREPIOS DE UM DEUS ÀS AVESSAS

Sempre quis um poema só meu,
Nunca ter que mostrá-lo a ninguém.
Surpreendente, profundo e sandeu,
Diferente dos outros. Porém

Até hoje faltou-me o desplante
E a audácia de pôr no papel
Algo lírico e belo, que encante,
Mas também consciencioso e cruel.

É de todo o poeta esse fardo:
A procura do verso perfeito,
Com a rima e a métrica certa,

Belicoso, sonoro e inspirado.
Que arrepie e nos soque no peito,
Que nos deixe de boca entreaberta.

NEM LUXO, NEM LIXO

Pincelo meu batom e um beijo ensaio,
O lábio cheio, em forma de uma flor.
Olhando-me do espelho de soslaio,
Só vejo o cor-de-rosa de um estupor.

Chanel número cinco para o olfato...
Lareira acesa aquece o destemperado,
Faz sombra, avermelhando meu sapato.
Por menos que tu queiras, tens o cheiro,

Pois todo o crime meu é planejado:
Pesquisas, mapas, truques coloridos,
Nuances e o cingir de um bom pecado.

Então tu vens, os olhos comovidos,
Na boca, mil sussurros abafados.
São tons vermelho-rosa teus pruridos.

PERACTORUM

Dá-me um gole do teu vinho mais seleteo
E o morango, o chantilly, pra acompanhar.
Fica junto, não te afastes, sê discreto,
Mas me manda um sopro leve... Dá-me ar.

Faz-me falta o teu perfume, esse teu cheiro
De sertão, de marijuana e maresia.
E também esse trejeito sorrateiro,
A tua máscara de ferro e a teimosia.

Foste e és como um rabisco sobre a tela
De Picasso, ou os relevos das esferas,
Esculturas colombianas ancestrais.

A distância de um suspiro à la Florbela
Ou do escarro de um Augusto após quimeras
Não mensura o espaço e o tempo dos meus ais.

LA PORTE DE L'ENFER

Soprei-te meu perfume, caro Dante,
A essência de Beatriz que Magma ampara.
Com laços amarelos de barbante,
Mil fios de ternura em renda clara.

Recebe essa energia – a mais brilhante! –
Carinho que o teu coração dispara.
Ness'aura, a mesma egrégora de antes,
Pois ela é nossa, é única e é rara.

Pandora, tua musa delirante,
A lava, o vento quente que não para,
A fera que te assusta e é fascinante.

As súplicas e anseios em tuas aras
Não passam de quimeras. Não te espantes!
Saudade co'a poesia se depara.

DARWINISMO

A piedade e o comprometimento
Eu os coloco entre as virtudes nobres,
Embora sirvam só como fomento,
E não permito que de mim os cobres.

Tu desafinas os teus instrumentos,
Usando notas – semitons tão pobres! –
Discórdias musicais que são lamentos.
Há dissonância aí nos teus acordes,

Um dó maior que jaz no teu intento.
O teu, o meu, o nosso... Enfim é a morte
Que abraça e afaga-nos os sentimentos?

Entrega então o diapasão à sorte,
Lançando versos, poesia ao vento.
Sobrevivência é dom do que é mais forte.

EFEMERIDADE

É assim que o coração da gente bate:
Faminto, esperançoso e truculento.
Tão destro ao se entregar ao bom combate,
Abranda sua defesa e olvida o intento.

Destarte, nessa guerra, vitorioso,
Já cansa, já se enfada e em vão procura
Por outro desafio, um outro gozo
Adecto pra ferida da ruptura.

E salva o novo texto sem contudo
Ir deletar o velho arquivo lido,
Sequer atualizando o conteúdo.

Promiscuidade triste, sem sentido,
Mostrar-se nessa tela, atrás do escudo,
Fazendo um print falso e colorido.

ESCONJURO

Dislética, não mais que em lapso breve
De tempo e espaço presos à razão,
Desfez-se a inspiração de quem escreve.
Nas páginas vazias deu-se um vão

E então se foram letras pelo ralo.
Tão baça, a luz da vela no pavio,
Assim eternizando esse intervalo
Disperso, distraído e arredio.

Recursos de linguagem como os de antes
Não mais sobrepujavam eufemismos.
Que chovam rimas fartas e bastantes

– Metáforas, antíteses, lirismos -
Vertendo para um verso mais cantante,
Ou morra essa poeta em aforismos.

ESPELHO DE VÊNUS

De cima do sapato, em salto alto,
Não sou d'um sexo frágil nem calado.
Eu soube perturbar um ser incauto,
Tão jovem quanto eu, tão assustado!

'Inda éramos crianças, pois parece
Que fomos assombrados pelo medo.
Fiquei nas vestes rosa, loas, preces,
E ele, em jogos, armas e brinquedos...

No esconde-esconde e só lançando dados,
Crianças imaturas, reticentes,
Perdemo-nos no play, que distração!

Mas, flecha e cruz em diferentes lados,
Ele, homem, eu, mulher – nada inocentes! –
Crescemos, nos amamos... Só que não.

BRAS AU REPOS

Numa outra vida eu fui bailarina,
Com pés treinados e asas brilhantes.
E, agora nessa, vim com a sina
De fazer versos, sou meliante.

Não levo a sério nem o profundo,
Metaforizo, cuspo pra sorte.
Perdi meus medos, enfrento tudo,
Só não desvio o olho da morte.

Talvez devesse, pois, se morresse,
Reencarnaria para dançar:
Desassossego e brilho nas asas...

Outro universo, mesmo interesse,
Talvez voasse, leve, a bailar,
E nunca mais voltasse pra casa!

O OUTRO LADO DA TUA MOEDA

Mulheres são seres complexos? Confia!
Nem tanto, repara que somos teu yin,
Em noites de rosas, champanhe e cetim:
Dispersos conflitos, com sonho e magia...

Reflete! Podemos ser João e Maria,
Doçando e bebendo num só botequim.
Que importa se formos de uísque ou de gim,
Se nos iludimos na mesma alegria?

São tantas nuances! Há o bom e o ruim.
Pesquisas são feitas na antropologia,
Vão se aprofundando, chegando por fim

A apenas matizes em fisiologia.
Findado o espetáculo, no camarim,
Sozinhos, quedamos na mesma amorfia!

OBLIVION

Que pena! Eu esqueci de quase tudo,
Memória seletiva é o que me resta.
Do pouco que me lembro, gestos mudos,
A porta já fechada em semi fresta.

Criei minhas barreiras, meus escudos,
Forcei o esquecimento, fui funesta.
Ah! Sabes, vez em quando ainda me iludo
E busco nos alvitres que me emprestas

As vozes, melodias, sobretudo
Em versos que podiam ser serestas,
Mas vinham como gritos sobreagudos.

Capricho meu, preciso ser honesta,
É fato, eu esqueci de quase tudo...
Memória seletiva é o que me resta.

OLHOS DE CHUVA

Quando o dia espia a noite e a transpassa,
Rasga os véus que a embrumeciam de agonia.
Num torpor sem precedentes se esfumaça
E se perde em madrugada infrene e fria.

Chove aos cântaros e os deuses, por pirraça,
Jogam raios, desnublado a invernia,
Junto ao vento que desprende e arregaça
Seus gemidos num engasgo que arrepia.

E no peito do poeta, feito traça
Que carcome, que destrói a fé tardia,
Molha tudo a chuva triste, descompassa.

Noite adentro, o cão raivoso que latia
Morde, sangra, arranha e fura a carapaça.
De restolho, só uma máscara vazia...

DÉJÀ VU

Os tons da grama alta e umedecida
– Memórias mais do olfato ou da visão? -
Com vento e chuva forte, solam vida
E o toque faz vibrar um diapasão.

Navalha que é afiada exala um cheiro
Qual sangue de Van Gogh em agonia,
Porém o ouvido foge sorrateiro
A um som de Brahms, concerto e sinfonia.

Buscamos ver, no mal, o que não fira,
Mas há também o bem que fere e fura.
Então, que tal deixar pra lá essa lira?

Tudo isso é só lembrança, é uma mistura:
Sentidos, impressões, maldade, ira...
Na falta dos teus versos não há cura!

PERSONA

De risos frouxos, recatos concisos,
Soprando a pele à distância de um grito,
Há o sonho aquele que agora é só mito
E cujo intento me volve um sorriso.

Pois vendo a água do mar ninguém chora,
Ninguém é triste, nem rende-se ao fado.
Veste-se em rendas o corpo dourado,
Calçam-se os pés na crueza da espora.

Recebe em bênçãos a deusa das águas.
Raios prateados e azuis, sobranceiros.
Curam-se as dores, lembranças e mágoas...

Malemolente, ao pairar sobre a areia,
Cabelo ao vento e requebro faceiro,
Ombros erguidos e o andar de sereia.

OFENSA AOS DEUSES, PROBLEMA DOS DEUSES

Ao Tempo, reverências! É o senhor
Das perdas, das barganhas e dos ganhos.
Estica-se e se encolhe ao seu sabor,
Por ele, nós mesquinhos e tacanhos.

Deus Kairus, a presença que é obscura,
Fatia não medida nem contada
Que está já bem mais próxima à loucura,
Sem dúvida, a sua face lapidada.

Mas Chronos foi criado por si mesmo,
Formou-se sem começo nem final.
E, frente a ele, estamos nós a esmo,
Seguindo as convenções, num ritual.

Sem chão, sem teto, sem mensuras. Filhos
De um pai que nos engole. Maltrapilhos...

DEMI-VÉRITÉS

Mentira sincera também fere o Todo!
Eu não sou perfeita, surpresa não há.
Porém, por sensível, tampouco sou má,
Qual flor que – tão branca! – é brotada do lodo.

Então, se nos atos que males eu causo,
Verdades eu sinto, serão erros meus?
Demônios e santos não mentem a um deus,
São meias verdades, prescindem de aplauso.

Eu falo o que penso, me sinto refeita,
E, se perco o senso, é porque sou humana.
Mas fingindo um pouco e causando suspeita,

Enredo-me em teias, me chamam mundana.
A sinceridade nos é pouco afeita,
É um mito e, portanto, falseia e engana.

WICKED WITCH

Uma puxada no anzol preso à culpa
Que se aninhava dentro do meu peito,
Doía sempre, não havia jeito,
E eventualmente ainda me preocupa.

Lembro-me sempre como se hoje fosse,
Um déjà vu, insight, uma vidência.
Aqueles flashes que se tem... A ardência
No membro ausente, uma fisgada, um coice.

Tornei-me pétrea, em muros, resistente.
Me esqueço fácil, num piscar de olhos,
Só penso em mim, sou egoísta anuente.

Endiabrada, pérfida e arisca,
Meto-lhe medo e lhe causo arrepios.
Eu? Maquiavel em trajes de odalisca.

TILEPÁTHEIA

Recebo em minha mente desfocada
Prospectos de uma luz voraz vermelha,
Que vem e vai, em louca cavalgada.
Fractais ou quanta, mais que uma centelha!

Serão só flores minhas, tão singelas,
Rabiscos e rasuras em papel?
Quisera mesmo é o dom de ver em telas
Fragmentos coloridos sem pincel.

Obscura inspiração que me conduz,
Sem forma geométrica padrão,
Cutelo que, do vulto, faz talhado.

Nas nuances e traços dessa luz,
Cá dentro do meu peito, uma explosão
De prismas de um cristal mal facetado.

VODUN

Eu planejo um poema maldito,
Rancoroso, cuspidor e mal feito.
E não quero nem termos bonitos,
Desabafo, que assim é o meu jeito

De limpar, faxinar, como em rito,
Malquerenças que trago no peito,
Aversões a essa estrada que fito,
Que escolhi e é meu karma refeito.

Quando prontos meus versos, no agito,
Vou em busca de um rio que em seu leito
Lava e leva os verbetes proscritos.

Mas no meu coração contrafeito,
Em procela e esbarrando em conflitos,
Permanece esse lodo insuspeito.

NÃO MAIS DECIFRADO, JAMAIS DEVORADO

Aquele a quem não sei como chamar
Já fez-se, em minha vida, onipresente.
Aos poucos, foi perdendo seu pulsar
Cá dentro de minh'alma, corpo e mente.

Um dia, dos meus sonhos, o desvelo,
Das minhas perspectivas, o futuro;
No outro, fecho os olhos para vê-lo,
E fico tropeçando em vão no escuro.

Aquele a quem não sei como chamar
Tem nome, tem um rosto e sentimentos
Que esqueço que são dele e não mais meus,

Nem de outras que ocupam meu lugar,
Que curam suas feridas com fomentos,
Mas que também tropeçam nos seus breus.

OPS!

Caiu uma nutella em meus morangos
Não sei bem se isso é bom ou se é ruim.
É como ouvir a valsa e dançar tango
No meio, sem começo e sem um fim

A gente esquece a busca de aventura
E vai sem saborando, já nem pensa
Se sara a dor aquela que tem cura
Esquece e magmahtiza o que é doença

Ah! Baudelaire compondo com Florbela
Um vinho ou uma cerveja, tanto faz
Rainha Elizabeth e um rock and roll

Eu quero os dois: o morango e a nutella
Das cartas do baralho, quero o ás
Maniqueísmos pobres? Toca um soul!

PASSARIM

Pra uma amiga, sonhando, componho
Um poeminha sutil, sem alarde.
Por enquanto, a verdade no sonho;
Olho aberto e vigília mais tarde.

Fantasia é seu medo à janela,
Sem pudor, preconceito – só susto -
Faz-se ninho nos cabelos dela,
Delicada amizade sem custo.

Ave presa que anseia por céus,
No seu bico, só flores, sementes,
Horizonte de cor embaçada.

Estás pronta a tirar tod'os véus,
A despir-se do peso excedente
Vestir asas, voar, virar fada?

FERME DE LA PORTE

Deixaste minha vida como um homem
Que sente que perdeu, não teve escolha.
E foi assim da forma como somem
As gostas do orvalho sobre a folha

E as pétalas das flores, quando, ativo,
O sol se mostra forte e incandescente.
Ficaste, os olhos quedos, pensativo,
Sabendo que era a hora e consciente.

Então, retendo o uivo e meio mudo,
O lobo que havia no teu peito,
Rosnando em sua fúria e seu lamento,

Usou do teu silêncio como escudo,
Sem sábia eloquência e tão sem jeito!
Saíste e a porta se fechou por dentro.

SORO CASEIRO

O gosto conservou-se na memória,
A essência e esse sabor de até então.
Momentos, circunstâncias de uma história
Contada e repetida até a exaustão.

Não percebi que se esvaiu o prazer,
A força e o brilho intenso que se tinha.
Faltou sabedoria pra romper,
Guardar o que era bom e o que convinha,

Bem antes que o manjar, ainda inteiro,
Pois feito com carinho e com esmero,
Enfraquecesse o caldo e o amornasse.

O que eu pensava rico e raro em cheiro,
Mais fino e o mais exótico tempero,
Há muito estava insosso e já fugace!?

VICISSITUDES METAFÓRICAS

A vida ensina, pondo a pedra no caminho,
E, pés sangrando, cabe a nós por nossa vez,
Filtrar no karma, que parece o mais mesquinho,
Cruzea e intentos de perfídia e insensatez.

Se tropeçamos ou caímos, pouco importa,
Pois isso o fluxo do universo em nada altera.
Ponta da pedra amputa, talha, extirpa e corta,
E lá do fundo ecoam gritos... São da fera

Pisando em cacos, evitando-os quando pode.
E, em carne viva, condoída, segue o rumo,
Deixa pra trás a tal mensura do que é findo.

Com os gemidos do seu pranto faz a ode
Compõe canção, ajeita a rima com aprumo,
Transforma o feio, o deformado, em verso lindo.

BEATRIZ

Seu rosto, branca tela em nu semblante.
Beatriz, que a mim, seu Dante, fez omisso,
Mostrou-se em todo o viço. E o torturante
Requebro serpenteante a fez aquela

De olhares de gazela e seus rompantes,
Com brilho de diamantes, de silícios.
Em frestas e interstícios balbuciantes,
Segreda-nos desplantes, minha bela,

O deus que me acautela e é tão gigante
Que faz mirabolantes meus suplícios!
Remetes os meus vícios, oh, donzela:

Mulher que se revela e, ofegante,
Se dá exorbitante em sacrifício,
Se faz meu precipício e minha cela.

Texto em parceria com o poeta gaúcho Wasil Sacharu

MOI AUSSI, PARIS

A chuva para a torre serve de abrigo,
Por toda a avenida dos Champs Élysées,
Molhando o circuito dos prédios antigos,
E o espelho no asfalto reflete o que vê.

Comigo tu danças ao som do alaúde,
Mas inflam teu peito lembranças febris
Dum tempo passado que volta amiúde,
Saudade que tens duma velha Paris.

As flores do mal, do poeta a canção,
Sensuais pinturas do mestre Renoir...
No ar se respira bem mais que emoção!

– Nação do anarquismo – viemos pra cá,
Não somos turistas, é o nosso rincão,
Onde estão meus anjos e o teu orixá.

LÓTUS

Eis que um dia o céu se lança sobre a palma
Da mulher e a torna fértil, adubada.
Aprendiz de uma alquimia inexplicada,
Faz daquela menininha, mãe na alma.

As correntes que ao seu corpo se prendiam,
Dando-lhe a falsa ilusão de ser completa,
Já desatam e a concentram numa meta:
O semear dos novos laços que se criam.

Ela firma um compromisso com a vida,
Desenvolve o sentimento maternal,
De mãos dadas com a sorte nessa lida.

Peço a Deus por minha mãe, ser especial,
Que lhe aquiete o coração, lave as feridas,
Dê-lhe a paz e a quietude celestial.

CREPÚSCULO DOS DEUSES

A morte crava o chão com os seus dedos,
Arranca-lhe as raízes mais frondosas.
Despencam lá de cima dos rochedos
As árvores tornadas belicosas.

Os ventos, tempestades e os tufões
Provocam, numa saga, numa guerra,
Telúricos agitos, combustões,
Mexendo com o equilíbrio dessa Terra.

A água toma conta dos desertos,
A seca racha o solo que era mar
E o inferno vem chegando mais pra perto.

Dos deuses os sorrisos, um esgar...
Descrentes, pois são sábios, ficam quietos
E deitam-se, esperando o Despertar.

ELUCUBRAÇÕES

Precisamos de umas doses de abstração,
Baudelaire já, com razão, assim dizia,
Que nos turve a mente em bafos de ilusão,
Seja o ópio, seja o vinho, ou a poesia.

Quando ébrios, olvidadas as defesas,
Nossas músicas bem altas são regalo.
Sem cuidados, subterfúgios, sutilezas,
Digo tudo que quiser e nem me abalo.

Eu rejeito o equilíbrio, não que eu queira,
Mas por falta de opção, como em delito.
Sobriedade não é boa companheira,
Ela e os sonhos se debatem num conflito.

– Lucidez, me deixe agora, se recolha,
A quietude ainda é melhor escolha!

NEM ANJO, NEM DEMÔNIO

Foi sagrado, fez-se puro,
Soube vir, chegar a mim.
Deu-se inteiro ao obscuro,
Só se foi ao ver o fim.

Recebeu-me feito bruma
Na fumaça transparente.
Por momentos, fui espuma
Nos seus dedos, fui latente.

Riu, chorou, escarneceu,
Foi um homem, foi menino.
Pelas tantas se perdeu
Num só mar de desatino.

Foi tão pouco, não bastou:
Ora anjo, ora Asmodeus.
Escondeu-se e então tardou,
Virou sonho e esvaneceu...

BLACK OR WHITE

Capaz de afrontar a qualquer deus,
O amor, que é efêmero e fugaz,
Por mais que se mostre pertinaz,
Só é absoluto após o adeus.

Tão frágil e vago, é só um véu
Que nos venda os olhos ao acaso.
Limite de vida seu é raso
E lavra ilusões como em cinzel.

Destino desenhado em nossa palma
Tatua um projeto de futuro
E em sonhos consome toda a calma.

Expondo e cavando fundo o puro
Inferno no céu da própria alma.
Ama-se tateando vãos no escuro.

ALMA GAÚCHA

O gene da loucura eu sei que tenho,
Herdei de alguns dos muitos ancestrais,
Que nesse solo, com suor e empenho,
Sulcaram fundo até não poder mais.

Deixando atrás um rastro de coragem
E audácia, na disputa pela terra,
Na qual retemperaram sua imagem,
Às custas de revolução e guerra.

Queria ter herdado essa ousadia
Abrir caminho a força de ideais,
Pois louca sei que sou, mas de que vale?

Aliada a insanidade à covardia
E um jeito triste e tímido demais,
Faz que eu tudo aceite e que me cale.

SEM TÍTULO E SEM ESPERANÇA

Se um dia o amor da gente fenecer,
No mundo nada mais fará sentido,
Nem mesmo nossos sonhos terão tido
Toda a importância que diziam ter.

Sem beijos nem abraços pra lembrar,
Sobejos teus, somente a poesia
E todo um leque de sabedoria,
Pois aprendi contigo até a sonhar.

Capaz de o sol então ficar confuso,
E pôr-se no horário do nascer,
Tornar-se o alaranjado seu, difuso.

Os deuses sumirão de nossa vida
E a lei universal será o caos,
Se perderá no Cosmos, desvalida.

IDIOSSINCRÁTICO

De volta eu quero a minha inspiração,
Não sei bem quando foi que ela sumiu.
Talvez ande escondida em qualquer vão
E o meu acesso a ela seja um fio.

Costumava ser minha companheira,
Estava sempre perto a me chamar.
Bastava uma chuvinha ou ventaneira,
Minh'alma já se punha num pulsar.

Agora fico horas divagando,
Tentando acreditar que é só saudade,
Que posso eu viver sem a poesia.

Mentira, ilusão que me vai dando
Uma falsa impressão de saciedade.
Poeta estou, sem Ela sou vazia.

VIGÍLIA

Só sua ausência já me rouba a calma,
Toma-me o sono e me envenena a lida,
Fazendo dela lágrima e ferida,
E com mil lanças me perfura a alma.

Faz-me sangrar o timbre dessa voz,
E do seu cheiro, o recordar me fere.
O espanto em medo a esse sonhar adere,
Quando, em vigília, paro e penso em nós.

Na sua vida eu sempre fui segredo,
Uma lembrança boa, um bem-querer,
E, do Pulsar, somente o arremedo...

Eu temo que ele, ao me lembrar, murmure
O nome dela no lugar do meu,
E que essa mágoa em mim jamais se cure.
Poema musicado por Angelo Santedi.

MINHA DANÇA

O assunto que te fez sair do sério,
A esfinge indecifrável e confusa,
Ainda sou enigma, sou mistério,
Porém deixei de ser a tua musa.

Angústia de não ter podido ser
A água que norteia a tua ilha.
A taça eu transbordei. Cadê o prazer?
Não fui nem tua mãe, nem tua filha.

Contorço-me somente de incertezas,
Deslizo e danço onde tu não mais pisas,
Sumiu n'água profusa o pedestal.

Estátua já sem curvas, sem beleza,
Meu corpo não tem mais sabor de brisa.
A deusa, sem altar, virou mortal.

MAGO

As teclas já namoram com seus dedos,
Melódicas, suaves ou revoltas.
Escolho por me ater às notas soltas,
Porque os acordes todos têm segredos.

Mateiro, é, na poesia, musical,
Caminho que ele cifra com cuidado.
A música é sua vida, seu mestrado:
Alma lírica, harmônica e atonal.

Filósofo em fonema e em partituras,
Traduz-se e me emociona o seu cantar.
Xamã, compõe nas notas suas curas.

Se entrega inteiro aos tons, com tal desvelo
Que o som da chuva aqui o faz lembrar.
Amigo, que prazer ao conhecê-lo!

SUTILEZA

Piegas é aquele que sente
E perde a noção do sentir.
Prefiro a pureza da mente
Sem ao extremismo aludir.

Assim é a energia que, ausente,
Presente se faz no atingir
O fundo obscuro e adjacente
Do pote contendo o elixir.

Instiga a magia carente,
Copiosa, excessiva no agir,
A que constringe o ambiente,

Confusa, ao chorar e sorrir.
Se é muita emoção aparente,
Desgasta e consome o porvir.

UM DIA UM SONHO

Isso é apenas mero sonho,
Quantos mais se pode ter?
Dá-me um crédito, eu o aponho
E me deixo adolescer.

Devaneios, eu suponho
Até posso bendizer,
A utopia eu decomponho,
Finjo só que posso crer.

Fantasia interponho,
Fazem parte do meu ser,
Isso eu tenho de bisonho.

Tudo pode acontecer,
Isso é apenas mero sonho.
Quantos mais se pode ter?

SAGRADO TORPOR

Postura de braços em cruz,
Com lábios de cálido riso,
Na areia esse ser que reluz,
Semblante, um desenho preciso.

Seu corpo reflete o oceano
E o vento o vigia em repouso.
Possui ventre rijo e tão plano,
Deixar de o olhar eu não ousou.

Sua pele fulgura no sol,
Salgada e em sagrado torpor,
Dourada da cor do arrebol.

Espelha a beleza e o calor...
Se música fosse, bemol;
Se tela pintada, só cor...

CITIUS, ALTIUS, FORTIUS

A chuva que unge, o vento que enxuga
A pele que encrespa, arrepia, emociona.
Descalços, os pés em rota de fuga,
Na grama molhada, o frio impulsiona.

Contornos de sonho em difusa vigília,
Teoria das cordas, padrões diferentes,
Frequências distintas da mesma família
São só energia – só luz – transparente.

Viaja comigo, acelera a matéria...
O espaço contínuo e infinito, eu procuro,
Pois somos UM só. Insetos, bactérias,

Uns bichos medrosos, tacanhos, impuros.
Apenas criaturas famintas por férias,
Descanso de um tempo confuso e obscuro.

STRATUS DE BIA

Reaviva a batucada, dança um frevo,
Declama a poesia que fizeste
Com toda a tua graça, teu enlevo,
E mostra qu'essa egrégora é tua veste.

Esparge esse perfume pelo ar,
Conecta o universo em teu carisma;
Em ondas, energias, num quasar,
Expõe, com teu sorriso, um novo prisma.

Em pétalas rosáceas de menina,
Nos brincos e colares, fios de renda,
Batons de tons vermelhos – tão brejeira! -

A todos teu lirismo contamina.
Um 'xero', um abraço forte que desprenda
A Bia, a essência, flor de laranjeira.

O CANTO D'ELE

Vou te guardar em lembrança infinda,
Uma flor rara a dançar c'ò vento;
Essa ametista que ao sol já brinda
Com brilho farto ao olhar atento.

Beatriz de Dante, seu céu e inferno,
Que um dia eu li, nunca mais esqueço;
Aquela manta que aquece o inverno,
Vinho na adega que não tem preço.

Sabor e aroma, a melhor comida,
Um rock and roll dos anos setenta.
Pecado bom nunca tem castigo!

Beijo molhado sem despedida,
Cheiro da terra que a chuva assenta,
Maior amor! Meu eterno amigo.

MAGMAHTIZADA

Infinitamente jovem,
criatura nascida pro bem,
de costas pro azar.
Jamais envelhecerei, serei eterna.
O universo me guia
nesse espaço-tempo tridimensional.
Abençoada, desperta pra vida,
braços abertos, energias renováveis.
Em busca da imortalidade,
A um passo de ser deus:
criador e criatura.

Sou poeta, fiz-me assim,
De sorte que o mundo assim me vê.



A AUTORA

Meu eu lírico é vulcânico, irracional, vive num outro mundo, um universo paralelo. É apaixonado, intenso, egocêntrico e voraz. Daí o meu pseudônimo, inspirado no “magma”, que é rocha ígnea no interior da terra, em constante estado de ebulição, só é lançada à superfície pela atividade de um vulcão.

Meus versos são pais, filhos, irmãos, amantes e amores. Educam-me, rejeitam, abraçam. Ora me estupram, ora fazem amor comigo. São homens cujo olhar me enxerga a essência. Gritos que ressoam mesmo mudos, transformando a realidade em fantasia: passeios pelas profundezas de uma alma inquieta e desassossegada; melancólicos suspiros de saudade e a busca incessante pelo sagrado.

Passos de uma dança insana com o tempo e a vida, o flerte entre a morte e a loucura. São voos de um pássaro criando asas sem saber voar. Dão à luz criaturas mágicas e lendárias, em meio ao vômito involuntário que precede o ato... Há náuseas e há anseios. Piruetas num trapézio, malabares, navios atracados num só porto, lançando âncoras ao acaso, com destempero: “lucidezes” perigosas e cortantes.

Compô-los é embriaguez de sentidos: pesadelos, maldições e bruxarias. O alto risco com toques de mistério, overdose de incoerências e impropérios.

Por sabê-los meus, tais versos são ebulições magmáticas derramando-se em meu solo, incandescendo-o como num fluxo explosivo de emoção. Rios de lavas líricas que, fluindo, tecem manto no meu peito, aquecem-no e libertam-se sob a fúria de um vulcão.

MAGMAH



Este livro foi composto em Sabon Next LT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em março de 2017.
